



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.37287>

POR DETRÁS DAQUELE MURO: RELATOS E COMPARTILHAMENTO DE ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BEHIND THAT WALL: REPORTS AND SHARING OF STRATEGIES AND METHODOLOGIES CARRIED OUT DURING THE INTERNSHIP IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

Mariângela Gonçalves Tessmann (Universidade Federal de Pelotas), **Maurício Aires Vieira** (Universidade Federal do Pampa), **Rafael Silveira da Mota** (Seduc RS)

RESUMO: O presente artigo é um ensaio de caráter analítico-descritivo e tem como intuito compartilhar experiências vivenciadas na Educação de Jovens e Adultos, anos iniciais, durante o estágio curricular de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, realizado em uma escola municipal desta cidade. O objetivo principal é a socialização de novas metodologias utilizadas na sala de aula, onde através de palavras e frases ditas pelos alunos fomos transformando em temas para o desenvolvimento das atividades, bem como os resultados obtidos a partir da troca de estratégias e métodos utilizados para alfabetização e apropriação do uso da linguagem escrita. Durante este estágio passamos, enquanto dupla, por momentos de conflitos, incertezas e indefinições em relação ao caminho a seguir a fim de contemplar os conteúdos do currículo solicitados pela instituição escolar e trabalhar em uma metodologia nova onde o uso das famosas “folhinhas” em sala de aula deveria dar espaço a novos métodos que contemplasse melhor os saberes oriundos dos Jovens e adultos da EJA e os colocasse verdadeiramente como “sujeitos” do seu próprio conhecimento.

Palavras-chave: EJA; Anos Iniciais; Relatos de Experiências; Planejamento; Novas Metodologias.

ABSTRACT: This article is an analytical-descriptive essay and aims to share experiences in Youth and Adult Education, early years, during the undergraduate curricular internship of the Licentiate Degree in Pedagogy, at the Federal University of Pelotas, held in a municipal school in this city. The main objective is the socialization of new methodologies used in the classroom, where, through the words and phrases spoken by the students, we were transforming them into themes for the development of activities, as well as the results obtained from the exchange of strategies and methods used for literacy and appropriation of the use of written language. During this internship, as a pair, we went through moments of conflicts, uncertainties and uncertainties regarding the way forward in order to contemplate the curriculum contents requested by the school institution and work on a new methodology where the use of the famous "leaflets" in the classroom classes should give space to new methods that better contemplate the knowledge deriving from EJA Youth and adults and place them truly as "subjects" of their own knowledge.

Keywords: EJA; Early Years; Experience Reports; Planning; New Methodologies.

Introdução

Este artigo traz relatos de experiências e foi elaborado como trabalho final do componente curricular Práticas Educativas IX - Docência Compartilhada, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) anos iniciais, apresentado no último semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, e tem como objetivo relatos e observações da prática docente a partir do uso de novas metodologias e a participação ativa do aluno, levando em conta o contexto social e cultural, bem como os conhecimentos prévios trazidos por cada um.

Começamos a desenvolver conteúdos a partir da utilização de cadernos com folhas pautadas e/ou cópias fotostáticas, as quais gradativamente fomos eliminando até chegarmos ao desenvolvimento de aulas que priorizavam a escrita no quadro; a oralidade, que propiciava a escrita e a leitura de palavras e a participação ativa do aluno através de sugestões, conversas, dúvidas, curiosidades e questionamentos que contribuía na escolha e na forma de trabalharmos os conteúdos futuros, incorporados no currículo.

O estágio foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Mariana Eufrásia, localizada à Avenida Duque de Caxias, 900, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas-RS. Para tal faz-se necessário falar um pouco do contexto da EJA e a sua atual característica, a juvenilização dos alunos, bem como uma abordagem da referida escola.

O sentido informal da EJA

A EJA esteve presente durante muitos anos em escolas informais, onde, pessoas que pouco dominavam

o ato de ler e escrever o “transferiram” a outros em organizações com iniciativas da igreja, sindicatos e demais instituições voluntárias. Somente no começo do século XX, com o desenvolvimento industrial, é possível ver uma lenta valorização da EJA.

Nesta época criaram-se então escolas para capacitar jovens e adultos. Ao longo da história muitas foram as contribuições para criação e ampliação destas escolas. Dentre elas a necessidade de se alfabetizar os trabalhadores migrados para cidade em busca de uma vida melhor e a necessidade de haver um aumento na base eleitoral, para muitos políticos e/ou classes dominantes.

Quem são os sujeitos da EJA?

Em sua maioria, são indivíduos pertencentes às camadas populares, detentores de seus próprios saberes, construídos a partir de suas interações socioculturais e de sua origem, representam a pluralidade em suas trajetórias. Representam o histórico de hierarquização de relações sociais hegemônicas, processo que culminou nas inúmeras barreiras impostas por um sistema econômico e educacional que contribui para o fracasso escolar no ensino regular. Já dizia Freire (1980) que o sujeito analfabeto é marginalizado em decorrência das visões equivocadas que a sociedade possui de sua realidade cultural, histórica e econômica da qual este indivíduo se encontra inserido.

[...] Se a marginalidade não é opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer é objeto de violência. O homem marginalizado não 'é um ser fora de'. É ao contrário, um

ser no interior de, em uma estrutura social em relação a dependência para com os chamados falsamente seres autônomos. [...] Na realidade estes homens analfabetos ou não, são marginalizados. Repetimos: "não estão fora dele" são seres para o outro. Logo a solução de seu problema não é converterem-se em "seres no interior de", mas em, homens que se libertam, porque são homens as margens da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura que é responsável por esta mesma dependência. Não há outro caminho para a humanização, a sua própria e a dos outros, a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizante (FREIRE, 1980, p.73).

Freire (1980) defende que essas pessoas não tiveram a oportunidade de estudos até a presente data ou momento e que, por conta disso, a sociedade acaba os excluindo, por isso que ele diz que "a marginalidade não é opção". Ninguém vive a margem da sociedade porque quer; por isso que essas pessoas analfabetas não procuram apenas aprender a ler e a escrever, eles querem uma liberdade que nunca tiveram e a chance de serem vistos de outra maneira pelas pessoas. Buscam um lugar na sociedade; por muitas vezes, buscam sair de uma invisibilidade para tornarem-se sujeitos de suas próprias escolhas e, de um futuro mais promissor.

A expansão do ensino ocorreu de modo que atingisse a todas as classes sociais, no entanto, a precariedade no sistema de ensino aliada ao expressivo índice da pobreza, contribuiu para o fracasso escolar de crianças que evadiam significativamente da escola,

estabelecendo-se assim, um contexto permeado pela exclusão escolar de crianças que passam mais tarde a compor o público "alvo" da EJA.

A EJA passa a assumir uma caracterização no sentido da predominância de um novo perfil do aluno, centralizando suas demandas em jovens ou adultos que sofreram um processo de fracasso escolar, tendo frequentado a escola por um curto período, resultando na ausência do desenvolvimento total das habilidades cognitivas e de aprendizagens essenciais para a interação integral e ação enquanto sujeito social, se configurando desta maneira, em um analfabeto funcional, retomando a escola tardiamente na adolescência, apresentando um domínio precário do sistema de escrita alfabética ou quase nenhum domínio.

Contextualização do campo de estágio

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Mariana Eufrásia (terceira escola da cidade de Pelotas) foi fundada em 19/04/1924 pelo intendente Dr. Pedro Luís Osório. Recebeu este nome em homenagem a dona Mariana Eufrásia, pelo fato de ser ela legatária de valiosas terras nesta cidade. Dentre as festividades da inauguração da escola, houve o deslocamento de dois bondes conduzindo os convidados governamentais do município até o atual bairro Fragata. Em destaque, estiveram presentes o intendente Pedro Luís Osório, a diretora do grupo escolar Félix da Cunha, Sra. Anna Velloso da Silveira e a banda municipal. Aguardavam no local alunos, as professoras Francisca Garcia Pereira e Adelaide Brandão e demais membros da comunidade.

Após a cerimônia de inauguração feita pelo Dr. Pedro Luís Osório foi passada a palavra ao orador oficial, Dr. Antero Moreira Leivas, que deu início ao hasteamento da bandeira ao som do Hino Nacional entoado por todos os presentes. O Dr. Fernando Luís Osório encerrou a festa cívica com vivas ao Brasil, ao Rio Grande do Sul, a Pelotas e a memória de Mariana Eufrásia. Em 1973 durante a gestão do prefeito Ary Alcântara foram construídas mais cinco salas de aula com recursos do MEC (fonte conforme dados da escola).

A Escola foi fundada no ano de 1924, com o nome de “Grupo Escolar Dona Mariana Eufrásia”. O prédio não foi construído para este fim, devido a isto, vem sofrendo reformas visando à adequação do espaço aos fins educacionais.

Atualmente possui nove salas de aula, quatro banheiros feminino e masculino (um adaptado para alunos portadores de deficiências), uma cozinha, um refeitório, uma biblioteca com recursos audiovisuais, sala de coordenação pedagógica e orientação educacional, sala da secretaria e direção, sala dos professores, laboratório de informática que funciona o Khan, projeto da Prefeitura que atende os alunos a partir do 3º ano, laboratório de ciências, sala de recursos para atendimento educacional especializado (AEE) e espaço destinado às aulas de apoio, uma quadra de esportes sem cobertura. Possui ainda um pequeno pátio onde os alunos são acolhidos na chegada e interagem em momentos de recreação, parte deste possui área coberta.

A escola, em 2019, atendeu anualmente cerca de quatrocentos e cinquenta alunos de 1º ao 9º ano e EJA, divididos nos três turnos, sendo a EJA no turno da noite, dividida em sete

turmas com vinte alunos separadas por etapas que vão do 3º ao 8º ano dispostos da seguinte maneira: 3º e 4º (1) juntos; 5º (1); 6ª (2); 7ª (2); 8ª (2).

O quadro docente atualmente é formado por cinquenta e seis professores, dezenove funcionários distribuídos da seguinte forma: três merendeiras, nove serventes, três monitores, três secretárias e uma orientadora educacional.

No contexto da Educação Inclusiva, a escola possui sala de recursos com três professores que atendem alunos, inclusive de outras duas escolas da rede. Integrando o quadro da escola há pelo menos dezoito alunos com alguma deficiência ou dificuldade, e são atendidos nos três turnos. Cada aluno tem o seu horário designado no contra turno de aula com período de 50 minutos, duas vezes por semana, dependendo da sua dificuldade, contudo, os alunos que vem das outras escolas são atendidos com horário duplo. Para ter o atendimento na sala de AEE, o aluno passa pelo seguinte processo: a professora em sala de aula identifica o aluno com dificuldades de aprendizagem, preenche a ficha destinada a ela e encaminha para a orientadora; esta chama a família do aluno para conversar, preenche a ficha de anamnese e encaminha para o AEE duas fichas (a dela e a da professora); posteriormente o professor responsável pelo AEE vai conhecer o aluno; faz uma avaliação psicopedagógico e encaminha o aluno para a Secretaria Municipal da Educação que há alguns anos conta com o Centro de aprendizagem - CAPTA (setor municipal responsável pela sala de recursos) para os devidos encaminhamentos.

A evasão não costuma ocorrer de forma regular na escola; o que acontece é os alunos da EJA faltarem,

desaparecerem por uma semana (a maioria das vezes por conseguirem algum trabalho temporário ou por doenças em pessoas da família ou viagens intempestivas). Por este motivo os professores costumam fazer avaliações contínuas, para que os alunos que retornaram após um período em afastamento possam prosseguir a aprendizagem. As avaliações são decididas pelos professores que têm autonomia para realizá-las da forma que achar mais conveniente.

O Projeto Político Pedagógico que se encontra na escola é datado de 2009, existindo, entretanto vários adendos e observações que foram costurados ao longo dos anos. De acordo com a direção da escola um novo documento já foi redigido e aguarda liberação da Secretaria Municipal de Educação. Para o documento ser elaborado, todos são chamados para as decisões importantes, no entanto cada setor responde pela sua área, quando se tratam das decisões que envolvem a todos, são todos chamados a participarem, segundo a diretora, quanto mais as decisões acontecerem em conjunto menor será a possibilidade de darem erradas.

As reuniões pedagógicas, no turno da manhã, acontecem quinzenalmente, no turno da tarde, geralmente todas as quartas-feiras e, no turno da noite, ocorrem mensalmente. Segundo a direção, essas reuniões são muito produtivas, uma vez que, eles debatem sobre os alunos, acontecem troca de experiências entre professores (algo que tenha dado certo em alguma sala é compartilhado com as outras, por exemplo), esclarecem dúvidas também nas reuniões, a organização das festas e também de projetos.

Pre-projeto e início do estágio na escola

O Pré-projeto constituiu-se em observações em dupla nos anos iniciais da EJA no período de março a junho de 2019 (uma vez por semana), neste período, durante as aulas ministradas pela professora titular da turma, tentávamos detectar as principais dificuldades, o modo de apropriação dos conteúdos e principalmente buscamos conhecer cada um dos alunos, suas aspirações, necessidades e história, quem seriam estes sujeitos? O que buscavam ali? Que caminho levaria a eles? Qual estrada a seguir? Essas eram algumas das perguntas que fervilhavam na nossa mente e nos traziam inquietações sobre como trabalhar durante o estágio que ocorreu no segundo semestre de 2019.

A turma observada anteriormente foi a mesma da realização do estágio, constituída de 27 alunos matriculados, sendo 14 do sexo masculino e 13 do feminino. Dentre o total de alunos matriculados frequentes nas aulas, eram em torno de 14, os demais desistiram ao longo do semestre por razões pessoais (doença, trabalho extra, para cuidar de netos, por mudança de cidade, falta de motivação para frequentar as aulas, etc). No entanto, não cancelaram sua matrícula, visto que, seus nomes ainda fazem parte da lista de chamada da instituição escolar.

A maioria destes alunos eram oriundos do próprio bairro e arredores. A média de idade da turma variava entre 15 e 72 anos, alguns aposentados que permanecem ativos no mercado de trabalho, realizando atividades extras para complementar a renda familiar tais como: serviços de pintura, de eletricidade, venda de doces, venda de produtos de limpeza

de fabricação caseira, trabalho em fábricas, vigilância; outros ainda que encontram-se “amparados pelo INSS por invalidez” e necessitam estar frequentando a sala de aula para uma espécie de preparação para a volta ao trabalho.

Todas turmas trazem especificidades e, com essa não seria diferente. Cada aluno ao adentrar na escola ou turma tem seu propósito: renovar a carteira de motorista, identificar o ônibus do seu bairro e assim não pegar errado (por vergonha de pedir informação), por imposição de um trabalho, necessidade do benefício do INSS não ser cancelado, ler a bíblia, abrir um pequeno mercado em sua residência, ensinar os filhos nas tarefas escolares, etc. Objetivos diferentes, mas com uma característica em comum: a valorização e visibilidade enquanto “ser humano”. Trazendo em sua bagagem, muitas vezes, um sentimento de fracasso pelo fato de não ter aprendido a ler quando crianças, enquanto estavam na escola (dois destes alunos, inclusive nunca frequentaram uma escola), e, alguns dos motivos do abandono desta, segundo nos relataram, foi de imposições dos pais para que trabalhassem para assim aumentar a renda familiar (principalmente os do sexo masculino), muitos em lavouras e campo de colheita de frutas, trabalho este que os “afastava” dos bancos escolares. Trata-se de uma turma multisseriada, dividida em 1ª, 2ª, 3ª e 4ª etapa conforme constatada logo após a avaliação diagnóstica aplicada na turma.

Figura 1- Prédio EMEF Dona Mariana Eufrásia



Fonte - Arquivo pessoal da autora.

Desenvolvimento do estágio

Durante a observação da turma no pré-estágio foi possível conhecermos muito sobre cada aluno; conhecimento este que contribuiu, de forma significativa, para a realização do trabalho. Ao iniciar o estágio, no primeiro momento, recebemos da professora titular da turma uma lista de conteúdos curriculares a ser trabalhado que foram “sugeridos” pela escola. Começa então um grande desafio: contemplar os conteúdos do currículo e “fugir” da metodologia de distribuição de folhinhas na qual a turma já estava acostumada. Nosso objetivo era de elaborar aulas dinâmicas e participativas, onde o educando realmente sentisse prazer em estar em sala de aula ou estar frequentando a escola.

No trabalho com folhinhas, o educando, a maioria das vezes, apenas “completa espaços” com palavras, sílabas e letras pouco contribuindo para o seu desenvolvimento, segundo nossa opinião.

Proporcionar ao educando o contato com a escrita e com as letras através da cópia do quadro, em nosso entendimento, traria contribuições importantes como convenções da escrita, tais como da esquerda para a direita, usar a linha do caderno de uma maneira mais adequada transcrevendo corretamente as

palavras, a reflexão sobre o sistema da escrita, o desenvolvimento da caligrafia, o uso de pontuação, dos espaços entre as palavras, parágrafos etc.

O desafio era, portanto, diminuir ao máximo o número de folhas distribuídas com atividades, mudando a metodologia e tendo o cuidado para que fosse de forma sistemática, a fim de não ocasionar a “evasão” dos alunos em sala de aula, assim, e, dessa maneira com Freire (1999) pode-se refletir que:

[...] Não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho" (FREIRE, 1999, p.97).

Outro grande desafio do estágio foi no fato de, após aplicar uma avaliação diagnóstica, constatávamos haver quatro tipos de níveis entre os alunos, o que nos fez elaborar atividades e conteúdos diferentes a fim de contemplar a todos os níveis.

Tínhamos alunos em níveis distintos que deveriam ser vistos em sua singularidade. A EJA é por si só um lugar heterogêneo onde encontramos pessoas com diferentes visões e diferentes necessidades de aprendizagem, e, a nós cabia à tarefa de dar conta deste universo plural de uma maneira tal que contribuísse para o real aprendizado destes alunos. De um lado tínhamos uma lista de conteúdos estabelecidos pela instituição escolar, de outro o desejo do fazer diferente, de forma inovadora e motivadora, nas palavras de Freire (1999):

[...] somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou de um dia “sem trabalho” lições que falam de ASA — “Pedro viu a ASA” — A ASA é da Ave”, lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas" (FREIRE, 1999, p.112).

O conhecimento definitivamente não poderia ser visto sob a ótica de uma determinada instituição escolar, ou seja, não pode ser institucionalizada. As vivências e experiências que cada aluno traz por si só já são conhecimentos, ainda que não institucionalizados, precisam ser levados em conta, respeitados e valorizados na hora de elaborar um planejamento. Se, por um lado tínhamos cidadãos que ainda não dominavam o sistema da escrita, por outro, havia pessoas que viviam há muito tempo em um mundo “letrado” que por si só já é um conhecimento a ser valorizado. A proposta para o estágio partiu da seguinte premissa: levar em conta todo o conhecimento de mundo trazido pelos alunos e trabalhar de uma maneira criativa, ativa, capaz de transpassar e agregar os conteúdos aos conhecimentos prévios ou espontâneos trazidos por eles.

Em nossos primeiros dias do estágio optamos trabalhar, ainda que contrária a nossa vontade, com o uso de folhas, por sentir na turma a necessidade de manter, ao menos no início, esta metodologia já que ela fazia parte do contexto escolar dos alunos e o fato de eliminá-las de vez poderia causar uma resistência por parte deles, pois já estavam habituados a elas.

Começamos gradativamente a utilizar cada vez mais o quadro, no início colocando a data, o dia da

semana e pequenas palavras, frases para que assim fossem se habituando ao uso dele e se sentissem seguros em relação a nossa maneira de conduzir as aulas. A demora em copiar era um grande desafio nesta fase; acreditamos que pelo fato de não estarem acostumados com conteúdos escritos no quadro e também pela dificuldade de localizarem-se espacialmente (ficavam constantemente perdidos entre frases, palavras e espaços) tínhamos que ir até o quadro e mostrar onde estavam copiando, muitas vezes copiavam as mesmas palavras e frases, não possuíam nenhum “senso” de localização de margem, linhas, e com frequência nos perguntavam o que faziam por não ter mais espaço nas linhas do caderno, não faziam a menor ideia de que deveriam passar para a linha de baixo, que poderiam e deveriam fazê-lo.

Foi preciso buscar estratégias, sendo a primeira trabalhar espaços nos textos, e como proceder em casos como o descrito acima, depois decidimos que faríamos um grande resumo do conteúdo a ser trabalhado nas sequências didáticas a fim de facilitar a cópia no quadro, dessa maneira aos poucos foram se adaptando e compreendendo quando deveriam trocar de linha e como fazer, começaram a utilizar os espaços e tendo o cuidado de não mais “amontoar” toda a escrita como faziam no início. Esta foi uma tarefa árdua que trouxe benefícios visíveis nos cadernos, seguiam a norma dos espaçamentos que ensinamos, a mão estava, segundo relatos de alguns alunos, mais “firme” para segurar o lápis e, conseqüentemente, a letra melhorou visivelmente, pois no início nem os próprios alunos conseguiam ler o que haviam escrito.

Depois de cerca de um mês, a escrita foi ficando mais legível, tinham mais facilidade em escrever e percebemos que o fato de transcreverem conteúdos do quadro, proporcionou para a maioria deles o “re”conhecimento das letras do alfabeto. Quando iniciamos o estágio havia um número pequeno deles que reconheciam as letras, a grande maioria esquecia que letra era, principalmente os pré-silábicos. Confeccionamos também um alfabeto com letras bastão e cursiva e com figuras de rótulos para assim fugir da infantilização dos alfabetos tradicionais.

Fizemos ainda dois grandes silabários para que, desta forma, sempre que houvesse dúvida o consultassem (as paredes desta sala de aula não continha nada que possibilitasse a eles o contato e aprendizado de letras e sílabas).

O segundo desafio, após conseguir eliminar 80% das folhas, foi o de elaborar aulas com conteúdos distintos para todos os níveis. Sem dúvida o maior desafio se apresentava: pois tratando-se de uma turma multisseriada foi difícil planejar aulas com conteúdos distintos; deveríamos pedagogicamente trabalhar para que não houvesse nenhum tipo de “segregação” e “exclusão”, por isso tivemos o cuidado de planejar conteúdos semelhantes para todos os níveis, respeitando sempre as dificuldades de cada um. Fez-se necessário ainda que trabalhássemos com grupos distintos (entramos em um consenso que cada uma de nós ficaria encarregada de trabalhar com dois níveis por duas semanas, e depois trocaríamos para

desta forma possibilitar a ambas¹ experiência em todos os níveis), dessa forma conseguiríamos incluir a todos e seria mais fácil para as explicações necessárias.

Precisávamos trabalhar os conteúdos estabelecidos pelo currículo da escola, entretanto apesar de termos avançado em nossa prática substituindo os conteúdos de folhas pela escrita direta no quadro, ainda assim as aulas, no nosso ponto de vista, não estavam da maneira com que havíamos idealizado; estávamos insatisfeitas, precisaríamos “aparar” as arestas do nosso trabalho enquanto dupla, entrar em sintonia (nunca havíamos trabalhado juntas e por vezes discordávamos de muitas coisas uma da outra), além disso, faltava algo, não estava satisfeita apesar do perceptível avanço desde o início do estágio, foi então que sentamos e conversamos para acertar alguns pontos de vista necessários para trabalharmos juntas, depois disso marcamos uma “orientação” extra para entender melhor a proposta de estágio, e, após essa orientação, finalmente conseguimos perceber que nossa preocupação estava em torno do conteúdo estipulado pela escola e não centralizada no que realmente importava: o nosso aluno.

Percebemos então que era necessário mudar novamente a metodologia de ensino; precisávamos planejar aulas a partir das necessidades dos alunos e não da necessidade do currículo “padronizado”, nas palavras de Freire “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou a sua construção (1996, p. 47)”. A partir de uma nova “práxis pedagógica”, cuja finalidade era a

exploração oral por parte dos alunos, o tema desenvolvido não era mais elaborado por nós, partia das conversas, palavras e frases dos próprios alunos; e, a partir desse cenário, íamos desenvolvendo então aulas mais dinâmicas, interativas, contextualizadas. Aprendemos a “ouvir” e não somente escutar, começávamos a aula sempre com um início de conversa tal como:

Como foi o dia de vocês? O que fizeram hoje? Como estão se sentindo? Como estão as ruas do bairro onde moram com toda essa chuva?

A partir da interação e respostas, escrevíamos no quadro palavras e frases ditas por eles e, desta maneira, aproveitávamos para explorar os conteúdos programados da escola, por exemplo em uma das aulas trabalhamos sobre cidadania, escrevemos a palavra e explicamos o seu significado; a partir de algumas respostas aproveitamos para explorar o número de sílabas de cada palavra, quais as sílabas, quantas vogais e consoantes haviam nela, exploramos a oralidade da palavra, a construção de frases a partir dela, a letra inicial e quais outras palavras poderiam ser formadas com esta letra, através do número de letras da palavra foi possível trabalhar matemática com adição e subtração; foi uma aula bem interativa e era perceptível a satisfação deles em dar opinião, ficavam mais atentos às explicações.

No dia seguinte, trabalhamos ainda com a palavra “cidadania” desta vez através de um trabalho em dupla intitulado: “Nós, cidadãos do mundo” onde a metodologia consistia em cada aluno entrevistar o colega com

¹ O estágio foi desenvolvida em dupla de formandas.

perguntas formuladas por nós, tais como:

Quem escolheu seu nome? O que gosta de fazer quando está em casa? Qual o seu prato preferido? Qual a sua cor preferida? Qual o seu maior sonho? Se tivesse que mudar algo em sua vida o que mudaria? Que lugar você gostaria de conhecer?

O objetivo desta entrevista foi proporcionar o diálogo e o conhecimento do outro enquanto cidadão e colega de sala de aula. A medida em que líamos as respostas dos lugares que eles gostariam de conhecer fomos escrevendo no quadro os nomes das cidades, a fim de ajudar os que ainda não dominavam o sistema da escrita alfabética e socializar os desejos dos colegas. Foi uma aula bem produtiva: os alunos participaram e conversaram muito entre si, enfim, mais uma vez, nosso objetivo foi alcançado. Encerramos a aula com a certeza que trabalhar desta maneira, observando um eixo temático e desenvolvendo a partir dele as atividades, seria muito mais prazeroso, tanto para os professores, como pra eles, e contribuiria cognitivamente muito mais em termos de apropriação do conhecimento por parte dos alunos.

Continuamos nesta metodologia desenvolvendo as aulas a partir da realidade dos nossos alunos, do contexto social e cultural deles, de palavras e frases ditas por eles, de suas inquietações, dúvidas e necessidades, desenvolvemos grande parte do conteúdo do currículo da escola escrevendo palavras-chave no quadro e, a partir delas, a reescrita de frases, produção textual, organização dos espaços nas frases, diminutivos, aumentativos, plural, singular, verbos, situações problemas envolvendo

matemática e o uso do material dourado entre tantos outros.

Trabalhar desta maneira nos proporcionava uma “liberdade” de ação infinita, observar a participação e socialização dos alunos em sala de aula nos dava a certeza que este seria o melhor caminho, percebíamos que eles estavam gostando de estar ali, aprendendo de um jeito novo para eles, acima de tudo, percebíamos que desejavam mais aulas com esta dinâmica e/ou metodologia. Quando terminavam as aulas ouvíamos com frequência elogios a respeito da aula; alguns ainda mencionavam que aprender desta maneira era muito mais “interessante”, tudo isso servia para reafirmar que quando o professor se propõem a “escutar” os sons da sala de aula abre-se um leque de possibilidades infinitas de trabalho e inúmeras possibilidades.

Em relação ao currículo das instituições escolares Tomaz afirma “[...] A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação” (1999. p. 54).

Paulo Freire acredita que o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou em forma desestruturada. O que ele destaca é a participação dos educandos nas várias etapas da construção desse “currículo programático (FREIRE apud SILVA,1999, p.61).

A capacidade de expressão oral dos adultos tende a ser maior, uma vez que, eles têm um vasto repertório construído, na maioria das vezes, ao longo dos anos. Trabalhar, portanto,

essa oralidade e a partir dela desenvolver conteúdos em sala de aula é a maneira mais apropriada para que estes sintam-se parte de todo processo educativo; trazer a realidade cultural, social, familiar proporcionará ao professor uma gama infinita de eixos que possibilitaram o desenvolvimento de aulas de uma forma mais participativa, onde o aluno estará sendo o centro do processo e facilitará assim a apropriação dos conteúdos.

As práticas educacionais precisam acompanhar as transformações sócio-culturais. Não é possível aplicar os mesmos métodos com pessoas tão heterogêneas, e isso, ao nosso ver, é o que torna a práxis pedagógica especial. Neste estágio, no momento em que repensamos e ressignificamos, a maneira de ministrar as aulas, tudo começou a dar certo, passamos por uma espécie de “amadurecimento docente” e, na medida em que entendemos o real significado de trabalhar conteúdos oriundos da oralidade que acontecia em sala de aula, percebemos que a partir dela surgiam infinitas possibilidades de leitura e escrita. Utilizamos diversos materiais para proporcionar ao aluno a compreensão do concreto, tais como: trabalhos com rótulos, palitos de picolé, tampinhas de garrafas, material dourado, caixa mágica, encartes de supermercados e farmácias, jornais, cartas entre outros.

Em uma aula, ao colocarmos a data no quadro, uma aluna nos disse gostar quando também colocávamos o dia da semana. A partir deste relato compreendemos que trabalhar com calendário, seria uma experiência enriquecedora; foi então que decidimos construir com eles a linha do tempo de cada um. Como faltavam poucos dias para o término do estágio e por não haver tempo hábil para uma

linha do tempo muito extensa, montamos em folhas de ofício períodos curtos a partir da data de nascimento de cada um, depois de 0 A 10 anos, de 11 A 20 anos, de 21 A 30 anos, de 31 A 40 anos, de 41 A 50 anos e de 50 em diante. A proposta inicial que lançamos para a turma seria que cada um colocasse em sua linha do tempo lembranças de momentos pertencentes a cada período estipulado, decidimos não interferir em nada, seria um trabalho livre e de acordo com o que cada um desejasse escrever. A princípio notamos que eles estavam meio resistentes, paravam com o lápis na mão e ficavam pensando, mas logo depois começavam a escrever. Para os alunos que ainda não dominavam o sistema alfabético da escrita auxiliávamos escrevendo as palavras que desejavam colocar no quadro e ajudando-os a montar as frases.

Esta atividade da linha do tempo ocupou então as nossas três últimas aulas do estágio. Depois que cada um deles escreveu suas lembranças, a partir do seu ano de nascimento, trouxemos fatos históricos, tais como uma lista dos nomes de presidentes do Brasil, em cada ano proporcionando a eles descobrir, por exemplo, quem era o presidente na época do seu nascimento, cada um escreveu o nome em sua linha, logo depois apresentamos uma lista dos prefeitos da cidade de Pelotas no ano de cada nascimento, trouxemos fatos referentes ao bairro onde a escola está localizada, dentre tantos outros exemplos que usamos. Escrevemos no quadro todos os calendários referentes ao mês e ano do nascimento de cada um e eles, por sua vez, copiavam o seu.

Após esta etapa, nos dois últimos dias de aula, trabalhamos a

partir das datas de nascimento com história (fatos sociais do Brasil), língua portuguesa (contando as sílabas referente aos meses, letra inicial, a final, formação de palavras a partir das letras dos meses, singular, plural, leitura, escrita de frases produzidas oralmente, identificação de letras presentes em cada mês do calendário, comparação de nomes e letras que possuem o mesmo som, decomposição das palavras), matemática (trabalhamos a adição, subtração, divisão e multiplicação referentes aos dias da semana dos calendários, a representação em material dourado do dia do aniversário de cada aluno, o número de dias de cada mês, como fazer o cálculo da idade de uma pessoa levando em conta o ano do seu nascimento) e ainda foi possível trabalhar conhecimentos gerais ao abordarmos o mês de aniversário de uma aluna que nasceu em um ano bissexto, explicamos assim o que é um ano bissexto, por que ele acontece de quatro em quatro anos.

Trabalhamos de uma forma interdisciplinar e tivemos a satisfação de ver o quanto os alunos aprenderam desta forma, o quanto era mais fácil a apropriação dos conteúdos a medida em que fazíamos uma espécie de mapa mental no quadro com palavras e frases ditas por eles elencando assim, outros conteúdos.

Trabalhar dessa forma era prazeroso e nos “impulsionava” cada vez mais no desenvolvimento de aulas que vão ao encontro dos interesses dos alunos. No trabalho da linha do tempo escolhemos sete pequenos intervalos, entre as idades por estarmos no fim do estágio e para que os alunos trabalhassem em curtos espaços de tempo, facilitando assim para eles. No entanto, poderia ter sido trabalhado outros conteúdos através

dessa metodologia, porém, infelizmente, não havia tempo hábil para que ampliássemos o projeto, mas por si só já foi gratificante, pois percebemos a satisfação de cada aluno em saber qual havia sido o presidente do Brasil no ano em que nasceu, ou mesmo qual dia da semana havia nascido, satisfação esta, que aumentou quando no último dia de aula levamos impressa a foto individual de cada um e pedimos que colassem na sua linha do tempo, foi surpresa ver o quanto eles gostaram de ver suas fotos, se gostaram nelas, muitos disseram: “olha professora até que eu fiquei bem bonito (a) aqui”. Vivenciar este momento nos fez pensarmos que ele aconteceu porque paramos para “ouvir os sons da sala de aula ou sons dos alunos da sala de aula”, mudando nosso planejamento, e, dessa forma concluímos o estágio. Nas palavras de Freire “[...] Toda vez que se converta o “tu” dessa relação em mero objeto, se terá pervertido o diálogo e já não se estará educando, mas deformando” (1999, p. 123).

Figura 3 – Trabalho com rótulos e encartes



Fonte: Arquivo pessoal dos autores principais
(com autorização prévia dos alunos, em termo)

Figura 4-Trabalho com palitos de picolé (adição)



Fonte: Arquivo pessoal dos autores principais (com autorização prévia dos alunos, em termo)

Figura 5- Caixa mágica com sílabas (construção de palavras e frases)



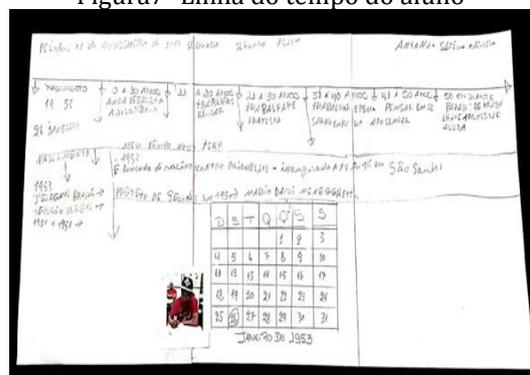
Fonte: Arquivo pessoal dos autores principais (com autorização prévia dos alunos, em termo)

Figura 6 - Liberte sílabas do pote - escrevendo palavras



Fonte: Arquivo pessoal dos autores principais (com autorização prévia dos alunos, em termo)

Figura7- Linha do tempo do aluno



Fonte: Arquivo pessoal dos autores principais (com autorização prévia dos alunos, em termo)

Considerações Finais

No início do estágio havia inúmeras dúvidas e quase nenhuma certeza, não sabíamos se seríamos capazes de contribuir para a apropriação ou aquisição do conhecimento dos alunos; havíamos observado esta mesma turma durante o semestre anterior, no entanto, ao passar do papel de “mera observação”

para protagonistas, geraram dúvidas e questionamentos, estaríamos preparadas para dar conta de tamanha responsabilidade? Seríamos capazes de ajudá-los na apropriação do conhecimento? Adultos me parecem mais resistentes a mudanças do que as crianças; talvez por trazerem consigo maiores vivências, além disso o processo de aprendizagem acontece em diferentes etapas para cada um, por isso seria necessário ter estratégias diversas por ser um processo singular e complexo.

Durante as observações desta turma no semestre anterior ao estágio o “uso das folhinhas” em sala de aula particularmente sempre nos gerou inquietações, estas que de forma alguma tem a ver com alguma crítica em relação à metodologia da professora titular da turma. O que nos incomodava era o fato que os alunos deveriam apenas completar espaços em branco com uma letra ou sílaba somente; tínhamos dúvidas quanto a contribuição cognitiva que isso teria para com os discentes. Passamos por três momentos distintos: primeiramente nos sentimos “engessadas” tendo que trabalhar com as folhas por ser este um modo que já estavam acostumados; depois, gradativamente, fomos utilizando mais o quadro com conteúdos mais voltados ao “mundo adulto” a que pertenciam nossos alunos; e, finalmente, após entendermos que trabalhar a partir de um eixo temático, de palavras geradoras traria muito mais aprendizagem do que simplesmente desenvolver os conteúdos do currículo da escola, começamos a entender que se fazia necessário falar menos e ouvir mais. E, através das conversas e da oralidade, conseguimos desenvolver aulas mais interativas, dinâmicas e participativas, ou seja, invertemos os papéis, alunos

falavam e a nós como docentes cabia escutá-los. Não mais planejávamos as aulas antes de ir para a escola, fazíamos quando voltávamos, pois não sabíamos como seriam, formamos então uma grande “rede diversificada de saberes”, professoras e alunos.

A partir do momento que escrevíamos no quadro as suas palavras e frases, os estávamos “incluindo” em todo processo cognitivo: eles refletiam sobre o que estávamos falando quando liam no quadro, e isso tornava bem mais fácil a sua aprendizagem. O contexto social e familiar de cada aluno passou a estar no centro de todo processo de alfabetização, ou seja, finalmente entendemos que mais importante que saber sobre famílias silábicas era que refletissem sobre o processo de alfabetização.

Atividades estereotipadas em nada contribuí para esta reflexão, desenvolvemos nossas aulas a partir das especificidades de cada um, com palavras geradoras do seu contexto, do seu cotidiano, e isso proporcionava uma maior aprendizagem.

Podemos dizer que em muitos momentos aprendemos mais do que ensinamos; criamos laços de cumplicidade que levaremos por toda vida docente. É por bem verdade, que não conseguimos trabalhar toda a lista de conteúdos do currículo da escola; no entanto aqueles conteúdos trabalhados nesta nova metodologia foram muito mais significativos.

Para encerrar utilizamos as palavras de Alves: “[...] De todos os sentidos o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição” (2018. p. 29). Diz ainda: “[...] É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar

de tagarelar. Quem fala muito não ouve" (ALVES, 2018, p. 29).

Foi exatamente assim que aconteceu neste estágio docente, à medida em que silenciamos, escutamos as vozes da sala, e assim transformamos nossa práxis pedagógica em algo que fez sentido para os alunos de trás daqueles muros da escola Dona Mariana Eufrásia, na sala de número 8.

Referências

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos:** Conversa sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Editora Planeta, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+da+cidade+de+pelotas&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR831BR831&oq=mapa+da+cidade+de+pelotas&aqs=chrome..69i57j0l7.7311j0j8&sourceid=chrome&> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** 28^a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática. Editora Educativa. 37^a ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

SANTOS, Vânia da silva. **Histórico da EJA no Brasil.** Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/historico-da-eja-no-brasil/>> Acesso em: 5 de dezembro de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica.1999.